

**TÚMULOS VIRTUAIS:
INSTRUMENTO DE CONSOLO À FAMÍLIA?¹⁶⁴**

Karoline Cerqueira do Amaral (UENF)

karolineamaraldir@gmail.com

Ieda Tinoco Boechat (UENF)

iedatboechat@hotmail.com

Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral (UENF)

hildeboechat@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

No cenário sociocultural contemporâneo altamente midiático, constata-se uma nova tendência relativa ao modo de as famílias vivenciarem seu luto. Assim, este artigo problematiza: de que modo os perfis nas redes sociais digitais das pessoas mortas podem servir de consolo aos seus familiares? Esta pesquisa tem, portanto, o objetivo de analisar a relação que a família mantém com seu ente querido morto via mídias digitais quanto ao conforto que podem oferecer ante esse sofrimento. Desse modo, os objetivos específicos são: descrever sobre o comportamento das famílias ante a perda de um ente querido; abordar o uso das mídias digitais nos relacionamentos familiares; discutir as formas pelas quais as famílias enlutadas amenizam seu sofrimento por meio das ferramentas do mundo digital. Por meio de pesquisa bibliográfica, baseada na obra de autores como Sousa e Amorim (2017), Melo (2015), Boechat e Souza (2018) e Viorst (2005), o estudo mostra que algumas famílias escolhem encontrar consolo ante a dor da perda de seu membro querido mantendo ativas as suas redes sociais digitais.

Palavras-chave:

Luto. Mídias digitais. Relacionamentos familiares.

1. Introdução

Este artigo enfatiza a influência do ciberespaço nas relações que se estabelecem nas famílias. Na sociedade contemporânea, cada vez mais midiática, muitas são as formas de utilização das tecnologias da informação e comunicação. Compra-se e vende-se, pesquisa-se, namora-se nas redes sociais digitais. Mais recentemente, percebe-se a tendência de algumas famí-

¹⁶⁴ Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro às pesquisas científicas do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

lias conservarem ativas as redes sociais de um ente querido recém-falecido, permanecendo com a sensação de interatividade com ele.

Nesse contexto, este artigo propõe como questão-problema: de que modo os perfis nas redes sociais digitais das pessoas mortas podem servir de consolo aos seus familiares? Considera-se a hipótese de que há uma relação entre a dor da perda de um ente querido e a manutenção de suas redes sociais digitais ativas, de tal modo que a conservação dessas redes oferece conforto às famílias enlutadas.

Esta pesquisa tem, assim, por objetivo analisar a relação que a família mantém com o morto via mídias digitais em relação ao consolo e conforto que pode oferecer àqueles que sofrem a perda de um ente querido. Desse modo, os objetivos específicos são: descrever sobre o comportamento das famílias ante a perda de um ente querido; abordar o uso das mídias digitais nos relacionamentos familiares; discutir as formas pelas quais as famílias enlutadas amenizam seu sofrimento por meio das ferramentas do mundo digital.

Justifica-se este estudo por identificar, no espectro de transformações sociais apresentado pela ampla utilização das tecnologias da informação e comunicação, um aspecto inovador no tocante às relações comunicacionais na esfera do luto e da morte no contexto interacional das famílias, uma vez que o luto vivido em âmbito familiar não permanece mais apenas nas redes sociais, mas tem se estendido às redes sociais digitais.

Sendo assim, tem-se uma metodologia qualitativa quanto ao problema, exploratória quanto aos objetivos, e pesquisa bibliográfica, quanto aos procedimentos.

2. *As inevitáveis perdas e a morte de um ente querido*

O ser humano é movido desde seu nascimento por perdas constantes, tais como o rompimento da relação com aqueles que ama pela morte, a separação a partir do momento em que é apartado do corpo físico da própria mãe ou quando não alcança o sonhado objetivo.

Há outros modos de se perder alguém. Para um bebê, segundo Viorst (2005), em fase de desenvolvimento, não tendo a capacidade completa de entendimento e compreensão, a separação de sua mãe no momento em que ela sai de manhã para trabalhar é algo extremamente doloroso. Esse filho

pode ignorar a mãe como represália ou como manifestação de tristeza e raiva. Para a autora, a grande maioria dessas crianças é machucada emocionalmente por tempo permanente. Entretanto, as perdas são extremamente relevantes para a evolução da vida humana, são, na verdade, “perdas necessárias”.

Talvez a morte represente para alguns a perda mais avassaladora que poderão experimentar. Inevitavelmente, qualquer indivíduo a viverá, seja ela prematura ou tardia. Porém, grande parte das pessoas não está preparada para lidar com esse evento natural da vida humana.

A sociedade moderna impõe às pessoas enlutadas que vençam prematuramente o processo de luto, e este passa a ser visto como uma fase que deve ser evitada, ao invés de vivenciada.

Mas, se pudéssemos aceitar a idéia das fases não como algo pelo qual nós – ou outras pessoas – devemos passar, mas como algo que pode iluminar o que nós – ou os outros – passamos ou estamos passando, talvez seja possível compreender por que “a dor... passa a ser não um estado, mas um processo”. (VIORST, 2005, p. 244) (Grifo da autora)

Nada mais pertinente do que a dor ser considerada um processo, considerando que as relações também acontecem em processo no ambiente familiar, âmbito pelo qual se interessa este trabalho. No processo de luto, os membros das famílias elegem formas para, juntos, lidar com a dor da inexorável separação. Em sentido amplo, Day (2010) menciona os “processos familiares” para se referir às estratégias e sequências diárias de comportamento de que os membros da família se utilizam para alcançar suas metas.

Assim, enquanto transitam nas redes sociais e nas redes sociais digitais, as famílias participam não apenas dos processos inerentes ao subsistema familiar, mas também dos processos que delineiam novas formas de comportamento no cenário sociocultural contemporâneo, escolhendo alcançar suas metas por meio de novas estratégias neste século XXI.

3. *O uso das mídias digitais nos relacionamentos familiares*

Segundo Kemp (2018), um levantamento realizado pelas empresas Hootsuite e We Are Social, mostrou que mais de 3 bilhões de pessoas usam redes sociais digitais. Esse número representa 40% da população global. O Facebook domina esse cenário, atingindo quase 2,17 bilhões de usuários.

Os usuários das mídias digitais, esses atores sociais que são intimados a usar as tecnologias digitais nos mais variados ambientes e momentos de sua vida – no trabalho, nos estudos, no comércio, entre outros –, são também os membros das famílias, que usam as referidas tecnologias em seus relacionamentos familiares, segundo Boechat (2017). A autora, baseando-se em Salomone (2015), afirma que as mídias digitais são utilizadas de muitos modos no âmbito familiar, inclusive para administrar a rotina da família.

Dos seis filhos que compõem a família, Leon (17) e Gabriel (15) são do primeiro casamento de Fabiana, Pedro (20) e Gianluca (16) são do primeiro casamento de Gian, e Nicolas (6) e Alessandro (3) do casamento atual de Fabiana Torres e Gian Prodan. O casal usa o grupo da família no *Whats App* para coordenar as tarefas domésticas compartilhadas por todos e os cuidados com os filhos dessa “confusa” e “grande família”. (BOECHAT, 2017, p. 118) (Grifos da autora)

Além disso, os grupos de família no referido aplicativo atualizam as informações sobre como e onde estão seus membros, promovendo encontros divertidos com as trocas de *memes*, celebrando eventos e lamentando outros tantos, compartilhando no ciberespaço experiências de vida.

Entretanto, essa interação midiaticizada entre familiares pode se mostrar conflituosa. Conforme Boechat (2017), em relação às muitas horas de atividade online dos membros das famílias – crianças, adolescentes e jovens, cônjuges e avós – deve-se observar se essa prática tem causado conflitos e se tem colocado em xeque a proximidade não virtual e a proximidade virtual, no sentido de que as pessoas podem estar mais comunicativas nas redes sociais digitais e mais incomunicáveis nas redes sociais. Mais que isso. Importa verificar se esse modo de interação em família, que se assemelha a uma individualização que se oculta pelas múltiplas interações, não se trata de um modo de relacionamento característico da interação da família mesmo quando essas relações não são mediadas pelas tecnologias digitais.

Outro modo de uso das mídias tem impactado as famílias. Segundo Boechat e Souza (2018), “entre *links* e *likes*”, as famílias também se compõem. Os autores mencionam histórias de casais que foram namorados nas redes sociais, se reencontraram anos depois nas redes sociais digitais e se casaram, afirmando que o amplo uso das novas mídias digitais neste tempo histórico permite ao cibernauta não apenas o enamoramento e o reenamoramento virtual, mas também a composição de família.

Contudo, os autores supra mencionados enfatizam que a composição

mediatizada de família não surge com o uso das novas mídias digitais, pois núcleos familiares se constituem também por meio do uso das mídias não digitais. Assim, Boechat e Souza (2018) definem o “modo não mediatizado de constituição de família”, como a composição de famílias sem a interferência das mídias não digitais ou das novas mídias digitais, e o “modo mediatizado de constituição de família”, como a composição de famílias mediada, de algum modo, pelas tecnologias não digitais e/ou pelas novas tecnologias digitais.

Assim sendo, muitas formas de utilização das mídias digitais pelos membros das famílias ao se relacionarem entre si podem ser apontadas. Na sociedade contemporânea, mais um modo de relacionamento entre os familiares vem surgindo influenciado pelo uso das tecnologias digitais, uma vez que as famílias enlutadas têm encontrado um meio de amenizar seu sofrimento por meio das ferramentas do mundo digital, escolhendo manter ativos os perfis de redes sociais do seu ente querido falecido.

4. As famílias enlutadas e as ferramentas do mundo digital: os túmulos virtuais

Túmulo virtual se refere ao ambiente digital em que o falecido interagiu virtualmente com seu círculo de amizades por meio das ferramentas digitais, cujos perfis são mantidos ativos por seus familiares após sua morte, para manter armazenadas e vivas as lembranças de seu ente querido.

Segundo Melo (2015), alguns familiares preferem desativar os perfis desse seu ente querido falecido; outros, no entanto, decidem mantê-los, configurando uma espécie de “cemitério online”, a fim de guardá-las as lembranças daqueles que já partiram deste mundo, transformando a página da pessoa falecida em um memorial. O *Instagram* exige a comunicação da morte seguida de um pedido para que o perfil seja removido – feito por familiares – ou transformado em memorial – realizado por qualquer pessoa. A remoção de conta do *Twitter* requer a certidão de óbito do usuário morto e uma cópia do documento de identidade do solicitante, enquanto que a de contas de e-mails, *Google+* e *YouTube* são feitas mediante envio da certidão de óbito, sem a garantia de que a solicitação será atendida. Ao *Facebook*, um formulário deve ser enviado com documento comprobatório da morte do titular da conta para que o perfil seja removido ou convertido em um memorial do usuário falecido.

Nessa perspectiva, considera-se que “Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação” (BAKHTIN, 2010 *apud* SOUSA; AMORIM, 2017, p. 5). Sousa e Amorim (2017, p. 1) definem o fenômeno da preservação de perfis de pessoas falecidas no ciberespaço – os túmulos virtuais – “[...] como uma materialidade cibernética de corpos à deriva, zumbis personificados em algoritmos, memórias digitais vagando em rotas difusas e imprecisas”. Nesse ambiente,

O saudosismo e afetividade constituem parte considerável das postagens. Estas especificidades colocam em jogo dilemas como o da morte, a maneira de conceber e expressar o luto, bem como o impacto da ausência em subjetividades. (SOUSA; AMORIM, 2017, p. 5-6)

O número de pessoas interconectadas no mundo digital vem modificando a forma como se vive o luto, fazendo com que a família recém-enlutada se sinta ainda em interatividade com seu finado amado, buscando a sensação de conforto. Na *internet*, as pessoas expressam suas emoções e buscam utilizar a ferramenta como um meio para não perder a ligação com o ente querido, mantendo “vivos” os seus perfis nas redes sociais digitais, como o *Facebook*.

Prevê-se, caso o *Facebook* matenha seu crescimento, que “[...] o número de perfis de falecidos na rede superará o de pessoas vivas em 2065 – no entanto, caso a rede continue a se tornar popular, os mortos superarão os vivos no ano 2130” (O GLOBO, 2014). (SOUSA; AMORIM, 2017, p. 2)

Assim, no ambiente virtual, o perfil do indivíduo falecido conserva suas lembranças na memória daqueles que sofrem a dor da sua perda de uma nova forma, preservando-as e assegurando-as em outro lugar que não apenas no pensamento.

Encontram-se na memória numérica mundial registros da história de vida do morto. Os sentimentos dos familiares compartilhados enquanto o falecido era vivo podem ser eternizados por meio das mídias digitais, e o mundo online se aproxima cada vez mais do real, uma vez que o virtual “é uma nova forma de relacionamento, uma nova forma de espaço e que não é oposto ao real” (SOUZA; GOMES, 2008, p. 57).

Nas redes sociais digitais, não só o espaço físico se mescla ao espaço virtual. O tempo também se mostra diferenciado. Uma pessoa pode receber uma mensagem por e-mail, por exemplo, ler essa mensagem no momento em que ela foi enviada ou horas depois; a mensagem permanecerá à disposição da pessoa para quando ela quiser ou puder (re)ler. (BOECHAT, 2017, p.43)

Assim acontece com os perfis mantidos pelos familiares, pois as re-

cordações – fotos, depoimentos, vídeos – armazenadas no espaço digital ficam disponíveis para lhes servir de alento sempre que quiserem visitá-lo. Assim como algumas famílias cumprem o ritual de visitar os túmulos não virtuais de seus mortos – inclusive, para alguns, uma tradição no “dia de finados” – as visitas, agora, podem acontecer também virtualmente.

5. Conclusão

A reflexão a respeito da morte na contemporaneidade considerada a partir da relação entre famílias e tecnologias da era digital permite constatar expressivas modificações comportamentais quando a influência tecnológica se torna marcante no contexto interacional familiar ao eleger os túmulos virtuais como objeto de estudo.

Os usuários das redes sociais digitais experimentam o luto de forma inovadora trazida pela era digital, quando decidem manter ativos os perfis do ente querido falecido. As experiências e os sentimentos compartilhados enquanto esse familiar era vivo podem ser, assim, eternizados nas redes sociais digitais.

Informações sobre inúmeros momentos e lugares estão em um mesmo ambiente que continua a contar histórias de uma vida. Nesse contexto, a nova forma de experienciar a morte e de vivenciar o luto traz a viabilidade de uma permanência *post mortem* por meio dos dados do ambiente digital que reavaliam o esquecimento humano e a lembrança, enquanto recriam os modos de relacionamento com a pessoa amada que morreu. Na sociedade altamente midiaticizada deste século, então, os túmulos de concreto e os túmulos virtuais já coexistem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOECHAT, Ieda Tinoco. *As famílias e as tecnologias digitais: a comunicação pela articulação de vieses não antes explorados*. Curitiba: Appris, 2017.

_____; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Entre *links* e *likes*: a composição midiaticizada de famílias. In: *Revista Altus Ciência*. Ano VI, vol. 07 – Jan-Dez 2018. Disponível em: http://www.academia.edu/37540117/ALTUS_CI%C3%84NCIAS_2018_Segundo_Volume.pdf. Acesso em: 08

nov. 2018.

DAY, Randal D. *Introduction to family processes*. 5th ed New York: Routledge, 2010.

KEMP, Simon. DIGITAL IN 2018: WORLD'S INTERNET USERS PASS THE 4 BILLION MARK. 30 janeiro 2018. <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 20 out. 2018.

MELO, André Luiz. “*Cemitério online*”: descubra o destino dos perfis de redes sociais de pessoas mortas. Estudo Prático. 2015. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/cemiterio-online-descubra-o-destino-dos-perfis-de-redes-sociais-de-pessoas-mortas/>> Acesso em: 02 nov. 2018.

SOUSA, Diego Pinto de; AMORIM, Moisés Carlos de. TÚMULOS VIRTUAIS: LEITURA BAKHTINIANA DA MORTE NO CIBERESPAÇO. XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. Disponível em:http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/12139/10341. Acesso em: 01 nov. 2018.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros; GOMES, Maria Lúcia Moreira. *Educação e Ciberespaço*. Brasília: Usina de Letras, 2009. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/2018/download/Educa%C3%A7%C3%A3o_e_Ciberespa%C3%A7o_2009.pdf. Acesso em: 24 out. 2018.

VIORST, Judith. *Perdas necessárias*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.